

Quem conviveu com Renato Russo antes da fama tem fortes lembranças da generosidade do amigo

Fotos: Jorge Cardoso



Murillo Cavalcante ajudou a proteger Renato depois do show da Legião no Mané Garrincha, em 1988. O artista Marcelo Beré (refletido nos óculos de Murillo) foi o primeiro a ler a letra de *Acrilic on Canvas*

Irlam Rocha Lima
Da equipe do Correio

Durante seis meses, em 1983, Leonice de Araújo Coimbra, a Léo, ficou “de molho” com problemas pulmonares. Deprimida, viu os amigos desaparecerem do seu apartamento, na 410 Norte. Menos um. Renato Russo a visitava assiduamente, levando chocolate, docinhos, revistas e livros.

Ao se separar, pela segunda vez, do baterista Gutje Woorthman, da Plebe Rude, em 1990, Helena Rezende se instalou no Hotel Vermont, na rua Visconde de Pirajá, em Ipanema, no Rio de Janeiro. Ao se encontrar com a amiga, a quem costumava chamar de “mulher fatal”, Renato não gostou do lugar. No dia seguinte, acertou com Evandro Mesquita, vocalista da Blitz, o aluguel de um apartamento de cobertura na Gávea, apresentando-se como fiador de Helena.

Em 1980, Maria Tereza Macieira, a Teca, encontrou Renato numa festa no Clube das Nações. Depois, os dois e mais Nice Araújo e o músico Kadu Lambach (o Paraná) foram para a casa dos pais do compositor na 303 Sul. O barulho de conversa e cantoria levou Maria do Carmo Manfredini, mãe de Renato, a pedir aos visitantes que fossem embora. Eles se retiraram, mas Renato saiu junto levando dois colchonetes, estendendo-os em frente ao elevador, onde os quatro dormiram.

Generosidade era um dos traços mais marcantes na personalidade do líder da Legião Urbana, destacado por pessoas que durante quase duas décadas conviveram com ele e de quem se tornaram grandes amigos. Gente como Fernando Artigas, que tinha 17 anos quando conheceu Renato Russo. Sem dinheiro para contratar uma atração para o 1º FIM (Festival Interno do Colégio Marista), em 1980, Fegê ficou surpreso quando o cantor se ofereceu para fazer show gratuito com o Aborto Elétrico.

“Quem me apresentou ao Renato foi a Ana Galbinsky. Ele impressionava por ser uma figura muito falante e bem articulada. A única coisa que pediu para fazer o show foi vender o bônus de um disco. O tal disco não passava de uma fita cassete, mas ele, de forma convicta, afirmava que iria ser vendido em todo o país”, lembra o ex-produtor cultural e atual chefe de gabinete da administração do Lago Sul, que produziria todos os shows da Legião em Brasília.

Foi em 1981 que Léo conheceu Renato. A artista plástica namorava o estudante de Antropologia na UnB (hoje diplomata) Fernando Coimbra, que a apresentou ao cantor. “Fomos ao Adrenalina, um bar que existia na 206 Norte, e lá encontramos o Renato. De cara senti que era uma pessoa incomum. Ele conversava sobre tudo, possuía cultura abrangente”, lembra.

Logo depois, Léo e Fernando se casaram. Quando compôs *Eduardo e Mônica*, Russo deixou a entender que os dois seriam os personagens da música. “Não me vi retratada na letra, a não ser pela tinta no cabelo, mas ele justificou, às gargalhadas, evocando licença poética.”

Ex-colega do poeta no *Jornal da Feira*, editado pela assessoria de Defesa do Consumidor do Ministério da Agricultura, Léo pintou, bem mais tarde, o quadro *Equilíbrio Distante*, “criado ao ouvir por incontáveis vezes o CD homônimo”.

Com Marcelo Beré, integrante da trupe circense Udigrudi, aconteceu o contrário. “Certa noite o Renato foi à minha casa na 715 Sul. Eu acabara de me formar em Artes Plásticas pela UnB e vivia fase de total dedicação à pintura. No improvisa-

do estúdio, ele também ficou mexendo com os pincéis, mas observava muito meu trabalho e fazia anotações. Mas não quis falar sobre o que anotara”, recorda-se.

“Na madrugada pegou um táxi e voltou para a 303 Sul. De manhã, logo às 7h, me ligou e disse que acabara de compor uma música chamada *Acrilic on Canvas* e leu a letra inteira. Num dos versos falava da mistura de óleo de linhaça com acrílico e eu corrigi dizendo que acrílico se dissolve na água. Ai ele ponderou que, como poeta, tinha liberdade para fazer qualquer mistura.”

ANOTAÇÕES EM BLOCOS

Beré percebeu o quanto Renato era “extremamente criativo” desde o momento em que Léo (ex-cunhada) o apresentou. “Me chamou a atenção, igualmente, o fato de ele andar com blocinhos, onde anotava expressões, trechos de conversa. Certa vez fui ao estúdio da Odeon (EMI) em Botafogo, no Rio de Janeiro, e o vi con-

sultando vários blocos de anotações em pleno processo de criação.”

À Maria Teresa, hoje editora de programas jornalísticos da TVE em Brasília, encantava na época a verve, o senso de humor e a inteligência de Renato Russo. “Ele e o Marcelo Bonfá iam muito à minha casa, na 410 Norte, onde batíamos longos papos. Juntos fomos a muitas festas em casas de amigos, embaixadas e no Clube das Nações.”

A amiga Helena Rezende, que trabalha com moda, o conheceu logo depois de chegar de Nova York, onde esteve morando por dois anos. “Numa festa no apartamento do Briquet, pai do Flávio e do Fê, fui apresentada àquela personalidade marcante em minha vida.”

A partir dali, eles se tornaram companheiros de festas e *baladas*. “Todos nós ficávamos calados e atentos quando, com profundo conhecimento, ele falava de música, poesia, literatura, cinema e de assuntos esotéricos”, brinca.

Excêntrico ou não, Renato é lembrado com entusiasmo pela cineasta Maria Coeli, sua professora de cinema e teatro do curso de Jornalismo do

A PALAVRA DA FAMÍLIA

Na data natalícia de Renato Manfredini Júnior (Renato Russo), que estaria completando quarenta anos, se vivo fosse, queremos agradecer o apoio, o carinho, a compreensão, a dedicação, a solidariedade que os admiradores de Renato sempre dedicaram a ele, desde os primeiros passos artísticos no *Aborto Elétrico* aqui em Brasília, e posteriormente no Rio, com a *Legião Urbana* que, gradativamente, atingiu todo o Brasil, com apoio dos vários artistas que a integraram, dos empresários, da gravadora e da editora.

Agradecemos também aos artistas que, individualmente ou em conjuntos musicais, têm gravado ou divulgado o repertório da *Legião* em apresentações ao público, e agradecemos à imprensa falada, escrita e televisada a veiculação de notícias e críticas construtivas.

Também aos fãs enviamos nossos agradecimentos pelo carinho que sempre dispensaram ao Renato Russo em vida, e principalmente depois de sua morte, demonstrando com isso que Renato Russo continua vivo no coração de todos.

Brasília, 27 de março de 2000
 Família Manfredini



Léo Coimbra e Teca Macieira em frente ao bloco onde Renato Russo morou, na 303 Sul: “O Renato conversava sobre tudo, tinha cultura abrangente”, lembra Léo

Ceub. “Foi um aluno excepcional, que falava de Sófocles, Henry Miller e Álvares de Azevedo com familiaridade.” Mesmo após deixar o Ceub, o músico continuou a amizade com Coeli, a quem visitava. “O Renato tinha projeto de transformar *Faroeste Caboclo* em filme e chegou a falar disso comigo várias vezes.”

Em faroeste caboclo se transformou o show do Mané Garrincha, em 18 de junho de 1988. No *day after*, os fãs acamparam na 303 Sul querendo falar com Renato — alguns chegaram a se esconder na garagem do bloco onde a família do cantor morava. Preocupado, o produtor Fernando Artigas recorreu a um amigo comum, Murilo Cavalcante, o Murilão, o mais forte da turma, para acompanhar Renato até o aeroporto.

“Conhecia o Renato à época do movimento punk, antes mesmo do *Aborto Elétrico*. Foi ele quem nos apresentou a Doors, Clash, Sex Pistols. Assisti a shows do *Aborto* no *Só Kana* e em outros lugares alternativos e a galera que acompanhava era quase sempre a mesma. Depois da *Legião* é que as pessoas vieram a reconhecer o Renato.”

